

# Editorial

*A lógica da Interpretação*, tema do Encontro Nacional da EPCFL-Brasil em 2012, ocorrido em Salvador, foi o assunto escolhido para este número e o próximo. Decidimos abrir esta edição com o artigo de Marc Strauss, um dos prelúdios que circularam na rede, pelo argumento que ele sustenta, ou seja, a proposta de *desmitificar* a interpretação, o que também pretendemos com a publicação nesta revista.

Marc Strauss inicia seu texto analisando o termo *desmitificar* comparando-o com *desmistificar*, afirmando que Lacan se empenhou em combater certo uso do Édipo, tão vão, em sua dimensão sistemática, quanto em sua utilidade prática em relação à interpretação. Porém, o autor reconhece que, antes de chegar à *desmitificação* do Édipo, Lacan no início o mitificou; ele procurou fazer dessa tragédia um mito autêntico para mostrar que a estrutura fantasiosa, que determina a realidade da relação ao objeto, tem a estrutura de um mito. Entretanto, não numa estrutura ternária, como postulou Freud, mas quaternária, como enfatizou Lacan, com a morte introduzida como quarto termo.

Percebemos com Strauss aproximações e distanciamentos nessas duas estruturas. Destacamos, nesse momento, apenas a diferença crucial entre elas: que a interpretação explicativa do sintoma, suposta ser em si terapêutica, uma interpretação pela iluminação, que teve a sua eficácia até os anos 20, dista da interpretação equívoca de Lacan, que deve jogar contra o sentido. Esse tipo de interpretação, apesar de recebida como tardia em seu ensino, precede as elaborações sobre o inconsciente real e não as supõe necessariamente, afirma Strauss. É interessante acompanhá-lo na construção e justificativa do seu argumento, especialmente quando interroga se o uso do equívoco é ou não suficiente para mostrar uma análise orientada para o real.

Com semelhante interrogação encontramos a conferência de Colette Soler proferida no início deste ano no Campo Lacaniano em Paris, ainda inédita no Brasil. Nela, a autora indaga particularmente qual é a especificidade de uma interpretação que incide sobre o real e interroga se o último ensino de Lacan implica uma nova concepção da interpretação. Vejam como ela introduz a questão:

De fato, no que diz respeito à interpretação, em nosso Seminário deste ano, a questão está colocada, desde o início, tratando-se de saber qual seria a especificidade de uma interpretação que incidisse sobre o real, como se fosse preciso, para essa nova noção de um inconsciente real, uma prática da interpretação totalmente nova. Eu

mesma havia colocado essa questão, mas sem respondê-la de fato e, portanto, depois de meus colegas que falaram este ano, perguntei-me até onde seria esse o caso, até onde o último ensino de Lacan implica uma nova concepção da interpretação? (2012).

Vale a pena constatar, por meio dessa conferência, que as ressonâncias da interpretação, que não desconhecem o real, já estão presentes na obra de Lacan desde *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), mesmo sem serem desdobradas lá; e também, para verificar que a interpretação visa ao intervalo significante que se anima do objeto, tomado ou como falta ou como mais-de-gozar, é uma tese que se mantém até o fim em Lacan, já que a análise não opera sem o sentido (Posfácio, 1973). Para abordar a questão e tentar respondê-la, Soler escolhe trabalhar com o grafo do desejo – por combinar a estrutura da fala e a da linguagem e por esquematizar, ao mesmo tempo, a estrutura do sujeito e a prática analítica – e com a referência final de Lacan à poesia. E, por causa dessa aproximação final, publicamos os quatro artigos seguintes na seção intitulada *Ensaíos*.

O artigo de Luis Guilherme Mola abre essa parte apresentando consistentemente algumas definições de poesia e as suas relações com a concepção lacaniana de interpretação. Concluindo que verdade poética não estaria atrelada a algum conteúdo específico, mas ao princípio que revela sob a lógica dos códigos linguísticos uma outra relação que se caracteriza fundamentalmente pela contingência, que envolve a relação do significante com aquilo que possibilita sua existência: a voz. Esta que faz com que o gozo escoe pela fala, que marca a singularidade daquele que diz algo, e que faz com que as poesias devam ser lidas em voz alta, pois o som das palavras, ponto essencial em sua composição, implica e envolve o corpo do leitor, diz o autor.

Em seguida, Silvia Facó Amoedo denomina essa relação entre psicanálise e arte de “psicanarte”, dizendo que a palavra é a matéria-prima tanto do poeta quanto do psicanalista e, quando utilizada com licença poética, lhes permite uma subversão da linguagem e uma conseqüente subversão do sentido da palavra em seu estado de dicionário, podendo mudar tudo para o sujeito sem mudar nada na realidade, pois, a vida que o analisando teve não se refaz, o que se modifica mesmo é a maneira como ele se situa nela e o sentido que lhe dá. Como ela mesma diz, “o sujeito em análise é o escritor de sua própria história, é ele quem detém, com seus ditos, o texto a ser lido e interpretado pelo analista”. Assim, cabe interrogar o que pode o analista em relação ao texto do sujeito em análise? É o que a autora tenta responder com este ensaio.

Andrea Hortélio Fernandes segue a mesma trilha quando afir-

ma que a interpretação na psicanálise convoca certa arte poética, tanto do analisando como do analista, para lidar com o que do inconsciente insiste e não cessa de não se escrever. Pois tanto a poesia quanto a fantasia e o sintoma têm em comum o fato de trançarem, por meio do equívoco, de metáforas e metonímias, o gozo do Um, gozo de *alíngua*, com o gozo do sentido. Entretanto, ela interroga como a interpretação na psicanálise, ao se servir do equívoco significante, tal qual a poesia, pode intervir simbolicamente no real. Para dar conta dessa questão a autora faz diversas citações de passagens em Freud e Lacan que marcam o “linguageiro necessário” para o manejo clínico.

Encerrando esta seção, temos o ensaio de Manoel Baldiz, que dialoga com os textos de Susan Sontag e Umberto Eco. Ele propõe, em forma de aforismos, interrogar vários pontos sobre a interpretação, com base na leitura desses dois autores. Num deles ele propõe não confundir a posição do morto (destacada por Lacan com o jogo do *bridge*) com a do cadáver, pois o analista mudo e cadaverizado não é um analista; noutro critica o excesso interpretativo do analista asfíxiante que não deixa nada por interpretar; no seguinte, diferencia as intervenções válidas numa cura da interpretação propriamente dita, distingue a interpretação que corresponde à ética e à lógica do discurso analítico das intervenções sugestivas e persuasivas e, finalmente, discute o problema da interpretação na supervisão, articula interpretação e tempo, interpretação e transferência, interpretação e *après-coup*.

Na seção *Trabalho crítico com conceitos* esta revista traz mais quatro trabalhos que merecem ser estudados pelo seu rigor conceitual no que diz respeito à lógica e à interpretação. No primeiro deles, Maria Helena Martinho afirma que a interpretação é o que faz com que o analisante passe do início para o fim da análise e interroga qual a liberdade do analista nesse caso, quais intervenções podem ser consideradas interpretações e no que ela deve incidir. Para responder a tais questões, a autora percorre textos e seminários de Lacan dos anos de 1950 a 1970, nos quais verifica os vários modos de interpretação designados por Lacan: a pontuação, o corte, o semidizer, a alusão e o equívoco. Conclui, com Colette Soler, que diz existir nos modos de interpretação mencionados um traço comum: “um dizer nada”, um “silêncio falante” do analista que obriga o analisante a designar o horizonte do que não é dito.

O objetivo do artigo que vem em seguida, de autoria de Ronaldo Torres, é o de acompanhar passagens do ensino de Lacan que apontem para uma lógica da interpretação. No desenvolvimento do seu argumento, ele afirma que logo após formalizar a lógica da fantasia, Lacan demonstrou como o ato psicanalítico implicava, em última instância, um ato para além dessa lógica, concluindo com

isso, que Lacan chegou ao extremo de uma tensão entre os campos da lógica e da ética, na qual o limite do primeiro se encontrava em uma resposta advinda do segundo. O ato, assim, é uma resposta do real à montagem fantasmática pela qual o sujeito se constituiu na determinação simbólica. Nesse sentido, lógica e real se mostravam excludentes. Todavia, Lacan não tardou em formalizar o tipo de laço que se estrutura como efeito deste ato, o discurso do psicanalista, um laço que pressupõe uma lógica afeita ao real, afirma Ronaldo.

Também da lógica da interpretação trata o artigo de Christian Dunker na sua dimensão ética: o dever dizer e o dever calar presentes na condução de uma análise. O autor justifica a sua posição por meio da reunião de alguns argumentos – certas condições suficientes (o desejo do psicanalista e o tempo da transferência) e certos limites do que pode ser interpretado (genéricos, móveis, materiais ou metapsicológicos) – de que o dizer torna-se na análise um ato contingente, porém, baseado numa forma de dever que exclui a dimensão superegoica. Um artigo que deve ser estudado nos três aspectos que estão na origem lacaniana do problema de uma lógica da interpretação: a sensação real, a incorrigibilidade simbólica e o espírito imaginário do sistema.

Finalizando esta seção, o artigo de Sonia Alberti faz uma análise das três questões kantianas que dizem respeito às possibilidades éticas do saber, do fazer e do esperar para examinar os limites da interpretabilidade, o passe e a possibilidade de aprender com a sua experiência. Para dar conta do seu intento, a autora rastreia a retomada feita por Lacan na última década de seu ensino, de um pequeno texto de Freud sobre a interpretação para verificar até que ponto a construção do inconsciente Real daquela década poderia ter alguma base nas observações do criador da psicanálise. Lastreia-se nossa visada na identificação nesse texto de Freud, da função do sonho que não é senão a de “evitar a perturbação do sono” e que esta representa o ganho de prazer, a *Mehrlust* (prazer a mais), o gozo, um despertar. Tal despertar é também examinado na relação com as três questões kantianas afirmadas acima e tratadas por Lacan em *Televisão* (1972): o que posso saber? O que posso fazer? E o que me é permitido esperar?

Na parte que trata da *Direção do tratamento* temos um trabalho solo de Dominique Fingermann. Neste artigo a autora trata, com seu estilo peculiar, a direção de uma análise que se expressa no título do seu trabalho: *Da lógica da interpretação e à prática da letra*. A formalização expressa no “de... à” indica uma orientação, uma passagem, uma operação. Uma operação lógica que afeta e que tenha efeitos, é o que se espera da direção da psicanálise pelo psicanalista, orientado eticamente pelo Real. Ela diz: “visamos a uma passagem,

que tenha consequências poéticas e políticas, já que apostamos em um novo laço enraizado no radical da letra do *sinthoma*”.

Consequências do ato psicanalítico que podemos notar nos testemunhos dos analisandos de Lacan, relatados no livro *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão e nos seminários*, resenhado pelo colega do Fórum São Paulo, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, a quem aproveito para agradecer o difícil trabalho de estabelecimento das novas orientações editoriais dessa revista, que entram em vigor a partir desse número, e que estão sempre sujeitas à possibilidade de revisão, por sugestões vindas da nossa comunidade.

Encerrando este editorial, fica a promessa de publicação no número 25 da conferência de Marcelo Mazzuca, AE da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, no Encontro Nacional da EPFCL-Brasil; a conferência de Bernard Nominé, proferida na Jornada de Encerramento do Fórum São Paulo no final de 2011 e os artigos de alguns colegas do Campo Lacaniano. Além dessas contribuições, contaremos também com a resenha do novo livro de Antonio Quiñet, *O Outro em Lacan*. Desejo a todos uma boa leitura e até breve, no próximo e derradeiro número desta Equipe de Publicação, a qual tenho enorme satisfação em coordenar!

**Silvana Pessoa**

